

# O Castro da Pedra de Ouro (Alenquer)

Por

ERNANI BARBOSA

Bolseiro do Instituto de Alta Cultura

Do lado direito da estrada que do lugar de Cadafais sobe para Santana da Carnota, encontra-se, acima de Refugidos e quase no cume de íngreme encosta, a Pedra de Ouro, pequeno e vetusto lugar alcandorado na vertente sul de uma série de elevações jurássicas que culminam no Moínho da Cabreira, ponto trigonométrico à cota de 272 metros. Embora nas suas terras baixas se pratique a agricultura em grande escala, a encosta em que este lugar se situa é muito pedregosa, o que lhe dá um ar de desolação.

O castro ficava situado num pequeno planalto (Figs. 1 e 2), tendo a defesa naturalmente facilitada pelo declive das encostas, principalmente a que se volta para o sul, sobranceira à actual povoação, talhada a pique (Fig. 3). Nos seus outros limites havia decerto muralhas e a nascente foram mesmo localizados restos de um duplo sistema de defesa.

O recinto fortificado era aproximadamente rectangular, com a entrada a poente, e foi explorado pelo seu descobridor, Hipólito Cabaço, em 1934, que encontrou alguns fundos de cabanas, de cujos postes de fixação ainda se viam os restos carbonizados. No canto noroeste da fortificação encontraram-se vestígios dos alicerces de uma construção circular, talvez uma torre utilizada como ponto de observação e reduto de defesa para o norte, na verdade o flanco mais vulnerável na defesa do castro (Fig. 4). No extremo sudoeste encontrou-se ainda um monumento funerário, um «thollos», com a entrada virada a nascente.

As escavações então efectuadas forneceram abundante espólio, constituído por pontas de seta, dois machados achatados de cobre, uma ponta de lança e a folha de um punhal, ambos com nervura central, além de cilindros

e pinhas de calcáreo, serras e facas de sílex, machados polidos, furadores de osso, alfinetes e botões, cerâmica muito fragmentada, placas de barro e contas, restos de fauna e sementes, na sua maioria carbonizadas.

Mas o mais curioso desta estação é o facto de ter sido encontrada uma sepultura do lado de fora da fortificação mas encostada a ela, do lado poente e à direita da entrada, contendo um esqueleto, que foi estudado pelo Prof. Mendes Correia. Nesta sepultura verificou-se o achado de alguns vasos de cerâmica, contas de vidro grosseiro e ainda um vaso cujas características são totalmente diferentes das do restante espólio e a que nos referiremos noutro lugar. Deste espólio foi já estudada pelo tenente-coronel Afonso do Paço uma curiosa estatueta de barro encontrada entre o túmulo e um dos fundos de cabana, descrita numa comunicação feita ao Congresso do Mundo Português <sup>(1)</sup>.

Nos arredores da Pedra de Ouro não faltam estações de épocas não muito diferentes, entre as quais se podem citar as da Serra do Amaral, a do Castro eneolítico do Alto da Peça, hoje quase completamente destruído pelos trabalhos agrícolas, etc.

## ESPÓLIO

### I — OBJECTOS DE USO COMUM

#### A) DE PEDRA

— machados, goivas, polidores, etc.

— machado de anfibolite cinzento escuro, de faces trapezoidais, polido apenas junto ao gume, ligeiramente curvilíneo, de talão arredondado, bordos rectilíneos e faces levemente convexas. Mede 100 mm de comprimento, 59 mm no gume, 45 mm no talão e 26 mm de espessura.

— machado de anfibolite cinzento escuro, muito espesso, de faces trapezoidais, longo e tosco, com polimento apenas esboçado numa das faces, com depressões e áspero ao tacto, bordos ligeiramente curvilíneos, uma face plana e a outra convexa, talão e gume curvos. Mede 102 mm de comprimento, 58 mm no gume, 46 mm no talão e em 34 mm de espessura. (Fig. 5, N.º 1).

— Pequeno machado de anfibolite, cinzento escuro, de faces trapezoidais, curto, incompletamente polido em ambas as faces, de bordos quase rectilíneos, gume espesso por não ter sido completado o polimento, de faces planas, começando o declive para o gume apenas a 15 mm numa e a 20 mm na outra. O gume é curvi-

<sup>(1)</sup> *Figurinha de barro da Pedra de Ouro. Porto, 1940.*

lâneo. Mede de comprimento 75 mm, 58 mm no gume, 41 mm no talão e tem de espessura 27 mm. (Fig. 5, N.º 3).

— pequeno machado trapezoidal inteiramente polido (nas faces e nos bordos), de arestas arredondadas e perfil biconvexo, adelgaçando sensivelmente para ambas as extremidades. O gume é de curvatura acentuada mas não muito fino e o talão é estreito e arredondado. Mede 77 mm de comprimento, 50 mm no gume e 29 mm no talão e tem 29 mm de espessura. Faceta de preparação do gume com 20 mm de largura em ambas as faces. (Fig. 5, N.º 2).

— esboço de machado rectangular, de anfíbolite cinzento-esverdeado claro, com uma face plana e a outra ligeiramente convexa. Não tem gume, sendo uma das extremidades, no entanto, menos espessa que a outra e arredondada. Mede 103 mm de comprimento, 66 mm de largura e 37 mm de espessura.

— machado trapezoidal, curto, de anfíbolite cinzenta escura, polido incompletamente nas faces e melhor junto ao gume, apenas esboçado em facetas de 18 mm e 20 mm, e sem polimento nos bordos. Tem de espessura 26 mm, de largura 67 mm, junto ao gume, e 53 mm no talão; o comprimento atinge apenas 82 mm. (Fig. 6, N.º 7).

— polidor poliédrico em forma de pirâmide truncada de base rectangular, de anfíbolite, com as arestas arredondadas, bem polido em metade da sua superfície total, sendo a restante irregular e apenas polida nas saliências. (Fig. 5, N.º 4).

— machado largo e espesso de anfíbolite, cinzento-claro, de faces sub-rectangulares, quase inteiramente polido, com facetas de aguçamento do gume com 30 mm e 35 mm e arestas e talão arredondados. Perfil planoconvexo. Mede 112 mm de comprimento, 74 mm no gume, 57 mm no talão e tem de espessura 36 mm. (Fig. 5, N.º 6).

— machado de basalto anfíbólico de faces subtrapezoidais alongadas, inteiramente polido, embora com menos perfeição na metade superior de um dos bordos e na inferior do outro, de bordos arredondados e gume quase rectilíneo, talão redondo e perfil planoconvexo. Mede comprimento 110 mm, 59 mm no gume, 38 mm no talão e 37 mm de espessura. (Fig. 5, N.º 5).

— machado fusiforme de basalto, de aspecto muitíssimo antigo, de superfície rugosa, talvez apenas usado como percutor, do que apresenta vestígios.

— machado de basalto, de secção oval no talão mas achatado junto ao gume, que é rectilíneo, polido em toda a sua superfície, mas só junto ao gume com perfeição. Menos antigo que o anterior. Mede na base 58 mm e 110 mm de comprimento; espessura: 36 mm. (Fig. 5, N.º 8).

— machado longo de basalto anfíbólico cinzento-esverdeado claro, de faces subtriangulares arredondadas, espesso, quase completamente polido e terminando em ponta arredondada. Gume ligeiramente curvo e perfil biconvexo. Mede 50 mm no gume e 112 mm de comprimento; a espessura máxima é de 42 mm. (Fig. 5, N.º 7).

— goiva de anfíbolite cinzenta-clara, imperfeitamente polida nas suas quatro faces. Tem de comprimento 64 mm, 21 mm de largura e 18 mm de espessura. (Fig. 6, N.º 3).

— três polidores de basalto, de forma subtrapezoidal, usados numa só face. Reproduzimos dois deles. (Fig. 6, N.ºs 1 e 2).

— machado de anfíbolite cinzento claro, de faces trapezoidais, com polimento perfeito em ambas, largo e espesso; o gume é curvo e o talão, arredondado; perfil biconvexo. Mede 90 mm de comprimento, 66 mm no gume e 48 mm no talão, e tem 36 mm de espessura. (Fig. 6, N.º 5).

— machado estreito e alongado, de faces rectangulares, adelgaçando para ambas as extremidades, completamente polido. Mede 111 mm de comprimento, 44 mm de largura e 33 mm de espessura. (Fig. 6, N.º 6).

— goiva de anfíbolite cinzenta clara, medindo 65 mm de comprimento, 20 mm de largura e 17 mm de espessura. (Fig. 6, N.º 9).

— machado de anfíbolite, esverdeado, regularmente polido, com gume muito fino e oblíquo. Mede 110 mm de comprimento, 54 mm de largura e 40 mm de espessura. (Fig. 6, N.º 8).

— pequeno machado de xisto anfíbólico verde claro, inteiramente polido. As faces são subtrapezoidais e os bordos têm as arestas arredondadas. Apresenta várias fracturas, o gume é curvilíneo e o talão, quase rectilíneo. Perfil biconvexo. Tem 90 mm de comprimento, 50 mm no gume e 26 mm no talão; 26 mm de espessura. (Fig. 6, N.º 10).

— vinte polidores de basalto e de outros materiais. Um deles está reproduzido na figura 6, N.º 4.

— nove percutores; quatro moletas; nove machados restaurados; e sessenta e três fragmentos de machados.

— *núcleos, lascas, lâminas, facas, raspadeiras, etc.*

Dentre estes objectos há a destacar:

— quatro lâminas espessas, retocadas em raspadeiras e nove fragmentos de outras de que estão reproduzidos quatro exemplares na figura 7, ao alto. E ainda:

— dezassete lâminas grandes de bordos retocados; oito idênticas mas mais pequenas; seis lâminas «à coches»; quarenta e quatro facas de sílex de pequenas dimensões; quatro pequenas lâminas com retoques; cinquenta e seis faquinhas de sílex; e ainda cerca de quinhentas lascas e lâminas de dimensões e formas variadas.

— quatro núcleos de sílex com sinais de extracção de faquinhas. (Fig. 8).

## B) DE OSSO

— espátulas, furadores, alfinetes, etc., descritos adiante como objectos de adorno e de vestuário.

## C) METÁLICOS

— Sessenta e quatro fragmentos de objectos de cobre ou bronze difíceis de determinar, dos quais se reproduzem dez. (Fig. 8, 10 últimas peças).

— dois machados achatados de cobre.

## II — ARMAS

## A) DE PEDRA

— *pontas de punhal ou de lança*

— três fragmentos de objectos de sílex que a maioria dos autores considera folhas de punhais ou de lanças. Schmidt e O' Riordain crêem que são precursores das folhas de punhal ou de lança de bronze. L. Siret pretende que as pontas de pedra e de bronze sejam contemporâneas, tendo estas inspirado aquelas. Por sua vez, Breuil emitiu acerca destes objectos uma nova opinião, segundo a qual eles seriam simples instrumentos agrícolas, espécie de foices, para o que se baseou no lustro que alguns deles apresentam.

— *pontas de seta*

São relativamente abundantes estes restos de armas no castro de que nos ocupamos, estando no seu espólio representadas apenas as de base rectilínea ou ligeiramente côncava, características, segundo vários autores, entre os quais Aberg, do eneolítico pleno. Peças inteiras e fragmentos atingem o número de 168, das quais reproduzimos 60 entre as mais bem conservadas. (Fig. 9).

## B) METÁLICAS

Segundo informações obtidas do explorador desta estação, também faziam parte do espólio uma folha de lança e outra de um punhal, as quais, inexplicavelmente, não se encontram no Museu de Alenquer, pelo que não pudemos reproduzi-las.

## III — OBJECTOS DE VESTUÁRIO E DE ADORNO

## A) DE OSSO

Ascendem a setenta e oito as espátulas e furadores, incluindo muitos fragmentos, dos quais reproduzimos dezassete. (Fig. 10, primeiras 17 peças).

— vinte fragmentos de ocre.

— vinte e sete fragmentos de ossos cilíndricos com sulcos paralelos e equidistantes, laterais e com um orifício axial por vezes inacabado, conhecidos pela designação geral de cabeças de alfinete. Encontram-se nas mais variadas fases de acabamento, pelo que se pode seguir a evolução de tal trabalho, que não parece ter outro fim senão o de obter pequenas rodela furadas que serviriam talvez como

contas de colar. O facto de o orifício interior ser feito antes da extracção das rodela parece apenas ter como fim evitar que a rodela pudesse partir-se ao tentar furá-la depois de extraída. A separação das rodela conseguia-se decerto pela aplicação contínua de um instrumento cortante na superfície do osso e andando depois com este à roda até a peça se separar. Em muitas destas peças o objecto cortante assemelhava-se bastante a uma carretilha, pois os sulcos apresentam nitidamente um finíssimo zigue-zague. (Fig. 10).

#### IV — OBJECTOS DE CULTO

Dentro desta designação podemos incluir os cilindros e pinhas de calcário e a figurinha de barro a que já nos referimos, os quais, por estarem em poder do Sr. tenente-coronel Afonso do Paço, não pudemos examinar.

#### V — CERÂMICA

##### A) DOMÉSTICA E VOTIVA

###### — vasos inteiros ou restaurados

Temos em primeiro lugar um grande vaso com decoração incisa, de tipo castrejo, pasta um tanto grosseira, feito à mão, restaurado, em forma de escudela e de fundo levemente achatado. A decoração é constituída por quatro linhas horizontais junto ao bordo, seguindo-se uma faixa de losangos cheios de pontos, para terminar mais abaixo com uma série de três linhas horizontais ponteadas. A forma é irregular. Mede 210 mm, aproximadamente, de diâmetro de boca, 108 mm de altura e 12 mm de espessura junto aos bordos, diminuindo depois. (Fig. 11, 1.<sup>a</sup> peça).

A peça seguinte é também um vaso restaurado do mesmo tipo do anterior, em forma de escudela, feito à mão, mais pequeno e decorado junto ao bordo por quatro filas de zigue-zagues ponteados. Da restante decoração nada se vê já, devido ao resto da sua superfície se encontrar quase toda restaurada. Tem 144 mm de diâmetro de boca, 84 mm de altura e 8 mm de espessura. (Fig. 12, 1.<sup>a</sup> peça).

Há depois um outro vaso ainda do mesmo tipo, com a mesma forma e também restaurado, sem vestígios de decoração em virtude do restauro. Mede 126 mm de diâmetro de boca, 68 mm de altura e tem de espessura 6 mm. (Fig. 12, 2.<sup>a</sup> peça).

Finalmente, um vaso do mesmo tipo, forma, fabrico e também restaurado, com decoração visível junto ao bordo formada por um duplo zigue-zague inscrito numa faixa, tendo os espaços entre este elemento decorativo cheios a ponteados, bem como as horizontais da faixa. Uma decoração muito semelhante a esta encontra-se nas grutas do Furadouro, na serra de Montejunto, não muito longe desta estação <sup>(2)</sup>. (Fig. 11, 2.<sup>a</sup> peça).

(2) Maximiano Apolinário — *As grutas do Furadouro* — «O Archeólogo Português», Vol. III, Lisboa, 1897, pág. 86.

Temos agora um vaso de pasta clara, de tipo argárico, restaurado, liso, de fundo chato e colo curto, baixo e de boca larga, de forma já muito perfeita, parecendo ter sido feito ao torno. Mede 470 mm no perímetro saliente do bojo, 142 mm de diâmetro de boca, 47 mm de altura e 5 mm de espessura. (Fig. 14, 1.<sup>a</sup> peça).

O vaso seguinte lembra também a cerâmica argárica mas a sua confecção revela-se muito menos perfeita, parecendo antes uma imitação indígena, de pasta mais grosseira, forma menos regular e com uma decoração junto ao bordo formada pelo motivo a que F. Alves Pereira chama «dentes de lobo», embora neste caso estejam cheios de pontos e não de traços, como ele indica <sup>(3)</sup>. Mede 398 mm de perímetro no bojo, 100 mm de diâmetro de boca, 69 mm de altura e 6 mm de espessura. (Fig. 14, 2.<sup>a</sup> peça).

Também as duas peças seguintes não estão de acordo com as restantes peças do espólio cerâmico deste castro, que nos apresenta na sua quase totalidade, como se pode ver pelos fragmentos que apresentaremos dentro em pouco, uma cerâmica incisa do chamado tipo «das grutas» mas que também aparece com certa frequência nos espólios dos castros do Sul. A primeira peça é um vaso de pasta clara, alto e de colo largo, sem qualquer decoração, de fundo côncavo, feito com uma certa perfeição e regularidade de forma, decerto já um produto da época do Ferro, e portanto, de modo nenhum produzido pelos habitantes do castro. Mede de diâmetro de boca 118 mm, 455 mm de perímetro no bojo, 180 mm de altura e 9 mm de espessura. De fabrico idêntico é uma espécie de gamela que representamos juntamente. (Fig. 13).

Finalmente surge-nos uma peça que constitui um caso à parte no espólio desta estação e cuja presença só pode ser explicada sob reserva. Trata-se de um vaso de pasta negra, de fabrico manual, restaurado, sem decoração incisa, apresentando contudo no bojo uma decoração constituída por gomos alternando com uma espécie de botões arredondados mas menos salientes que os gomos, uns e outros obtidos por compressão interior da massa ainda em fresco, notando-se perfeitamente as respectivas depressões. Parece com efeito tratar-se de um vaso céltico e a sua localização fora dos limites do castro, como aliás sucede com os outros vasos de fabrico não-indígena, pode na verdade reforçar a hipótese da chegada de povos estranhos, presumíveis autores da sua destruição. Dada porém a completa carência de elementos seguros em que assentar qualquer hipótese, reservemos as nossas conclusões para o momento em que, futuras e desta vez metódicas escavações forem feitas neste castro. O vaso mede 170 mm de diâmetro de boca, 112 mm de altura e 9 mm de espessura. (Fig. 15).

<sup>(3)</sup> F. Alves Pereira — *Estação arqueológica do Outeiro da Assenta* — «O Archeólogo Português», Vol. XX, 1915.

— *fragmentos*

Todos os fragmentos recolhidos nesta estação revelam homogeneidade no fabrico, de pasta grossa e decoração incisa, cuja variedade de motivos é uma das notas mais curiosas deste castro.

Os primeiros cinco fragmentos que vamos apresentar estão decorados com incisões largas e um tanto fundas, mostrando vestígios de um ornato em espinha inscrito numa faixa. (Fig. 16, N.ºs 1 a 5).

Seguem-se seis fragmentos com decoração reticulada e encanastrada inscritos em faixas. (Fig. 16, N.ºs 6 a 11).

Os cinco fragmentos que vêm depois dão-nos exemplos de faixas em várias séries de paralelas e em espinha, algumas das quais com incisões fundas. (Fig. 16, N.ºs 12 a 16).

Os doze exemplares seguintes mostram principalmente faixas perto de bordos, variando desde uma só linha horizontal até sete linhas paralelas, e desde os traços mais finos aos sulcos mais profundos, evidentemente em proporção com as próprias dimensões dos vasos. (Fig. 16, N.ºs 17 a 29).

— três fragmentos espessos decorados com linhas paralelas. (Fig. 17, N.ºs 1 a 3).

— oito fragmentos de vasos com orifícios de suspensão, em dois dos quais ainda se vê o bordo (5 e 11), mostrando outro (4), além da decoração, uma asa furada horizontalmente. (Fig. 17, N.ºs 4 a 11).

— três fragmentos com exemplos de ornatos reticulados inscritos em faixa. (Fig. 17, N.ºs 12 a 15).

— mais três fragmentos, dos quais um ornamentado em espinha, outro encanastrado e o último com vestígios de «dentes de lobo», cheios a pontos. (Fig. 17, N.ºs 16 a 18).

— dois fragmentos com ornatos reticulados, um dos quais mostra ainda uma série de linhas paralelas muito irregulares. (Fig. 17, N.ºs 19 e 20).

— cinco fragmentos com ornatos reticulados, espinhados, encanastrados e em zigue-zagues. (Fig. 18, N.ºs 1 a 5).

— mais dez fragmentos com exemplos de ornatos em zigue-zague, em espinha, reticulados e em losangos feitos a traço por traço. (Fig. 18, N.ºs 6 a 16).

Finalmente temos dezanove fragmentos em que se repetem com maior ou menor variedade os motivos já vistos, com excepção de dois novos: linhas descontínuas com pequeníssimos traços paralelos e losangos reticulados lisos e cheios a reticulado alternadamente. Este último motivo aparece também no Furadouro. (Fig. 19).

## B) INDUSTRIAL

— *placas de barro*

Ascende a algumas dezenas o número destes objectos recolhidos na Pedra de Ouro. São porém poucos aqueles que apresentam decorações e estas mesmo com



uma pobreza de motivos em nada comparáveis, por exemplo, às de Vila Nova de S. Pedro, onde, a par de desenhos geométricos, surgem representações astrais e figuras zoomórficas esquematizadas (4). Nas figuras 20 e 21 podem, no entanto, ver-se algumas destas placas decoradas, verificando-se que os seus motivos são exclusivamente geométricos. As peças N.ºs 2 e 7 da fig. 20, sem decoração, foram reproduzidas apenas com o intuito a variação nas dimensões. Estes dois exemplares são porém excepcionais, predominando as placas rectangulares com as dimensões da que se representa no N.º 6.

Estas placas, que parece terem sido utilizadas como pesos de tear, têm aparecido em muitas estações relativamente próximas da Pedra de Ouro, tais como as do Outeiro da Assenta, Pragança, Vila Nova de S. Pedro e Ota.

— *cossoiros*

Também aparecem nesta estação com relativa abundância estes objectos aos quais se atribui geralmente a função de pesos de tear. F. Alves Pereira pretende contudo que sejam pesos de fiação.

— *cadinhos*

Há apenas um exemplar destes objectos: é de barro e tem quatro pequenos pés. A utilidade destes objectos parece ter sido confirmada ultimamente, dado que em Vila Nova de S. Pedro apareceram alguns fragmentos ainda com partículas metálicas aderentes (5). (Fig. 22, 3.ª peça).

Conhecidos pela designação de «queijeiras» (?) há uns objectos cheios de orifícios, já citados por Déchelette (6). Parece contudo tratar-se também de cadinhos. Na Pedra de Ouro há dois exemplares (Fig. 22), semelhantes aos de Pragança, Rotura, etc.

## VI — CONCHAS

São relativamente abundantes os restos de conchas encontrados nesta estação e que o Ex.º Senhor Dr. G. Zbyszewski amavelmente classificou como pertencendo aos seguintes géneros ou espécies: «*pectunculus*», «*tapes decussatus*», «*cardium edule*» e uma espécie terrestre: «*testacella Maugei*».

(4) Afonso do Paço — *Placas de barro de Vila Nova de S. Pedro* — Porto, 1940.

(5) A. do Paço e E. Jalhay — *A póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro* — Separata de «*Brotéria*», Vol. XXXIV, Lisboa, 1942, pág. 23.

(6) J. Déchelette — *Manuel d'Archéologie préhistorique, celtique et gallo-romaine* — Vol. I, Paris, 1928, pág. 556.

## VII — SEMENTES

Foram encontrados exemplares incarbonizados de «*vicia faba* L. var. *celtica nana* Heer» e de «*triticum compactum*» (7).

## CRONOLOGIA

É muito difícil estabelecer uma cronologia com um certo rigor, dadas as condições em que este castro foi explorado, os elementos que estão em poder de particulares e que não existem no Museu de Alenquer e ainda o que se desconhece pelo facto de o castro não ter sido ainda completamente escavado. No entanto, com todas estas reservas pode afirmar-se estarmos em presença de um castro eneolítico que perdurou pelas épocas seguintes, sem que contudo se possa afirmar com certeza que tenha chegado à época do Ferro.

TENTATIVA DE RECONSTITUIÇÃO DA VIDA  
DOS HABITANTES DO CASTRO

Não é empresa fácil tentar uma reconstituição do que teria sido a vida dos habitantes de um povoado dos tempos eneolíticos. Não queremos deixar, porém, de fazer tal tentativa, cónscios das limitações que os escassos elementos recolhidos impõem.

Um dos mais importantes achados feitos no castro da Pedra de Ouro é sem dúvida o das sementes, que nos permite afirmar que pelo menos os seus habitantes já praticavam a cultura de cereais e leguminosas. Como prova indirecta desta actividade podem ser consideradas umas pequenas mós, com as quais conseguiriam esmagar frutos ou praticar a farinhação de sementes

Uma parte interessante do espólio é também sem dúvida a cerâmica, cuja abundância, variedade e riqueza decorativa revelam umas exigências consideráveis no que diz respeito a utensilhagem. Quanto à cerâmica de índole votiva, constituída por aqueles vasos de confecção estrangeira, nada nos diz sobre a população local, pois a dificuldade de estabelecer a sua jazida não nos autoriza a admitir que fossem colocados no túmulo pelos próprios habitantes do castro. Já a cerâmica para fins industriais nos pode

(7) Afonso do Paço — *Sementes Pre-históricas do Castro de Vila Nova de S. Pedro* — Lisboa, 1954, págs. 296-97.

revelar dados importantes para avaliarmos alguns aspectos da sua vida. Assim, a existência de placas de barro e de cossoiros constitui um testemunho seguro da existência de uma indústria de fiação e de tecelagem, ainda que decerto muito grosseira e de carácter doméstico.

Quanto às suas crenças, é um pouco mais difícil tirar conclusões com um certo grau de confiança. No entanto parece verificar-se já a existência de ritos funerários, revelados pela posição de um túmulo virado para nascente e pelo achado de cilindros e pinhas de calcário, geralmente reconhecidos como objectos de culto e principalmente pela estatueta de barro, a qual, representando uma figura feminina tatuada, tanto pode ser considerada deusa protectora dos defuntos como a própria imagem da pessoa morta.

Não se pode falar da metalurgia como uma actividade praticada em larga escala pelos habitantes do castro, o que não está documentado pelo achado de certos vestígios importantes como, por exemplo, moldes de objectos, restos de minério, elementos de forja, etc., que têm aparecido noutras estações. Contudo o achado de cadinhos e os diversos fragmentos metálicos que mais parecem em bruto do que restos de utensílios, levam-nos à conclusão de que tal actividade não lhes era de modo algum desconhecida.

Resta-nos referirmos as suas actividades bélicas, que nos parece terem sido reduzidas. Na verdade, pelo quadro que até aqui tentámos esboçar, entrevê-se uma população laboriosa, sedentária e pacífica, dedicando-se à agricultura. A fortificação do seu povoado não nos inclina a atribuir-lhes instintos guerreiros, porquanto parece tratar-se de um sistema defensivo tornado necessário talvez pela existência de vizinhos perigosos, mais ou menos próximos, aos quais talvez não seja muito arriscado atribuir a sua destruição. Tal parece, portanto, a conclusão a tirar-se da carbonização de muitos dos restos encontrados, entre os quais os das próprias habitações.

Dadas as condições de recolha de todo este material, de cuja escavação não existem quaisquer apontamentos no Museu de Alenquer, a que ele pertence, e que foi feita, ao que parece, sem preocupações de índole científica, resta-nos esperar que sejam facultadas, num futuro próximo, as subvenções necessárias para que se levem a efeito escavações metódicas deste castro que permitam um conhecimento mais completo do seu espólio, o qual se entrevê desde já como contribuição importante para o estudo desta tão fascinante e ainda tão pouco conhecida época da nossa pré-história.





Fig. 1



Fig. 2



Fig. 3



Fig. 4

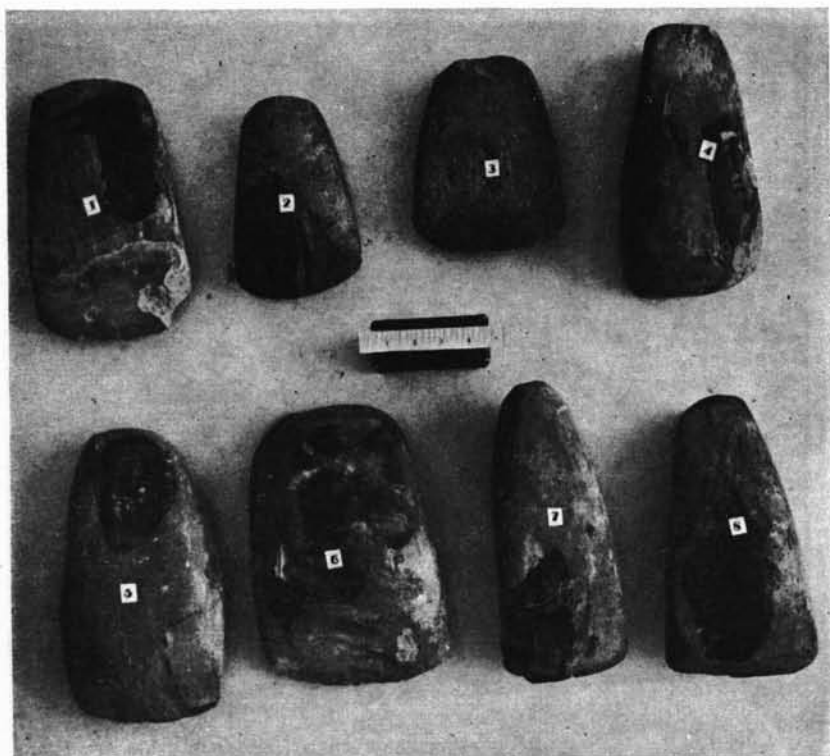


Fig. 5

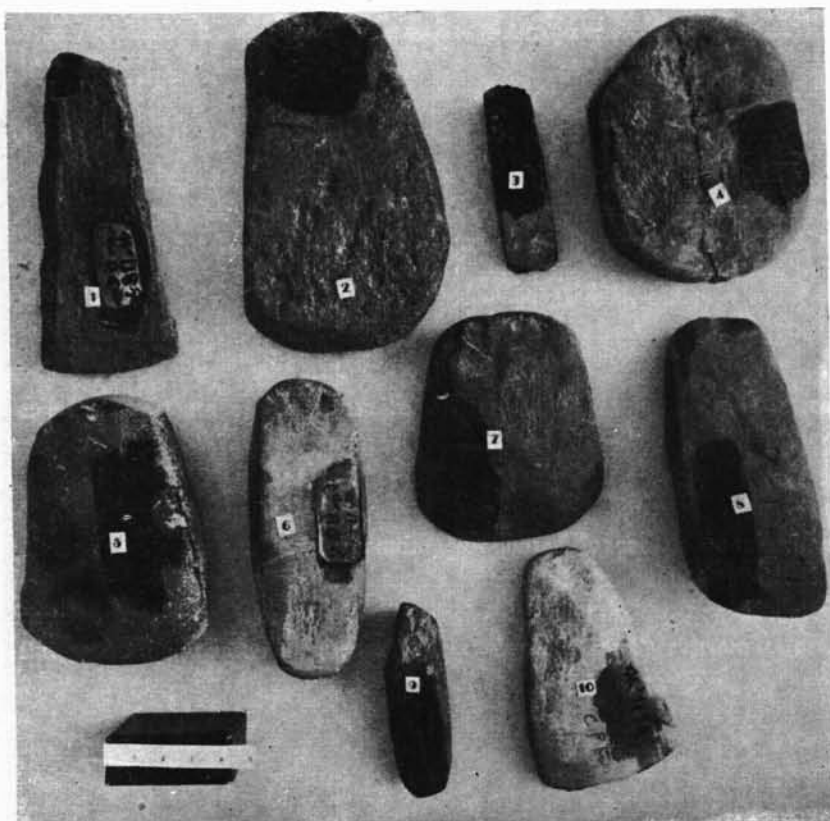


Fig. 6

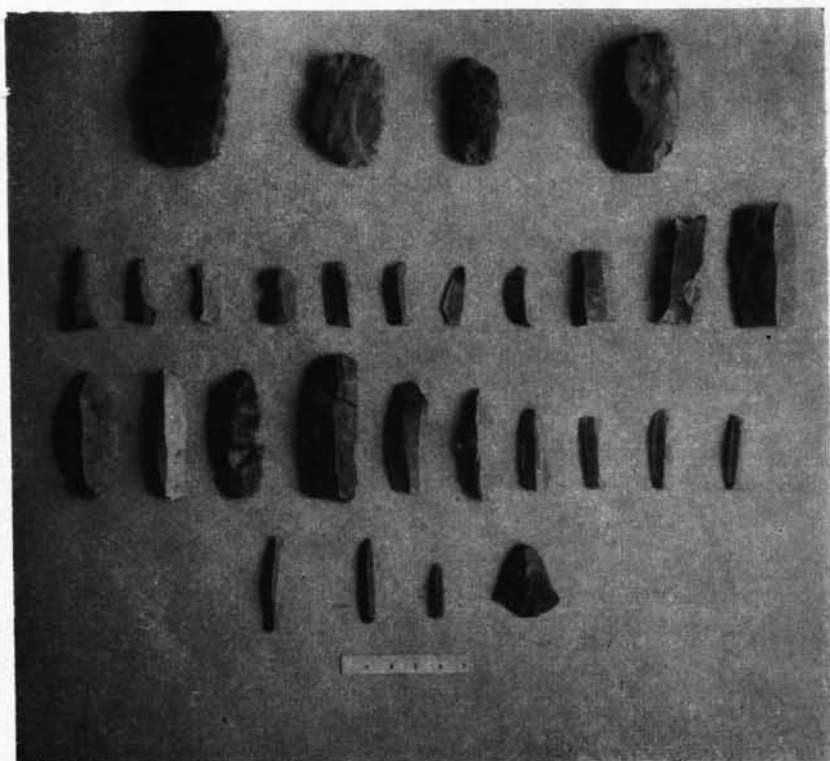


Fig. 7



Fig. 8



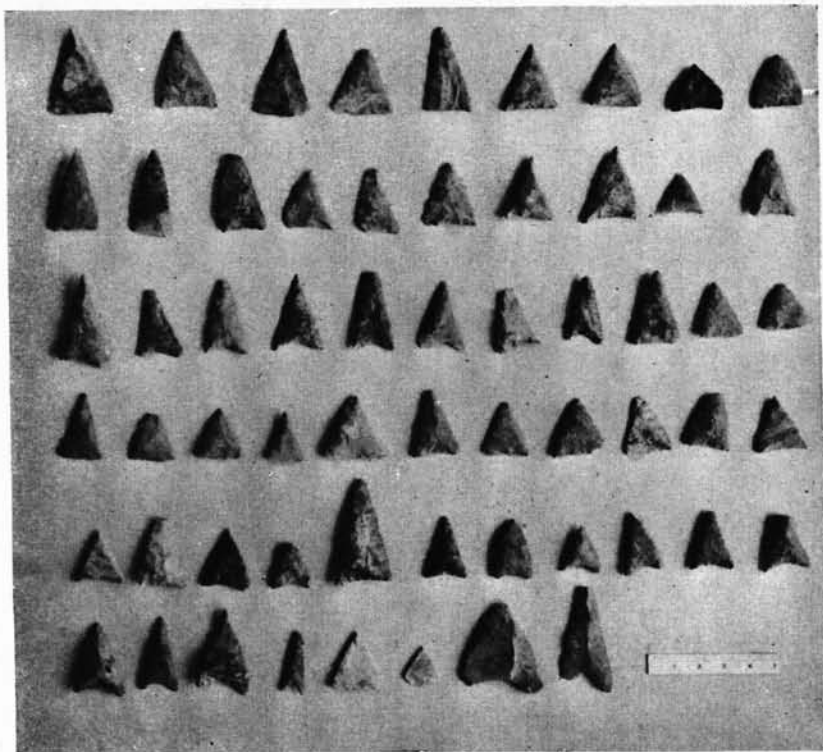


Fig. 9

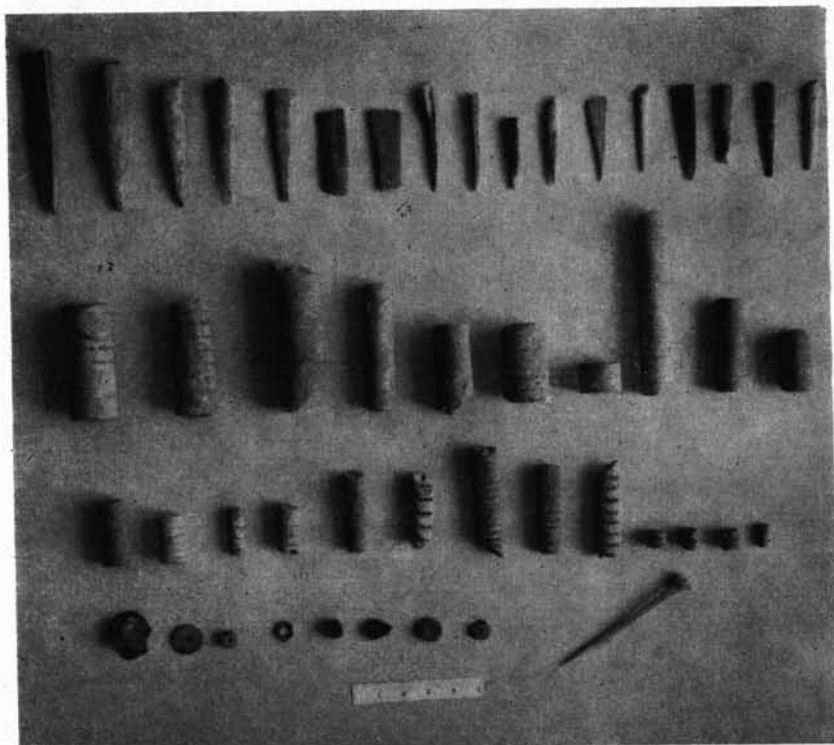


Fig. 10



Fig. 11



Fig. 12

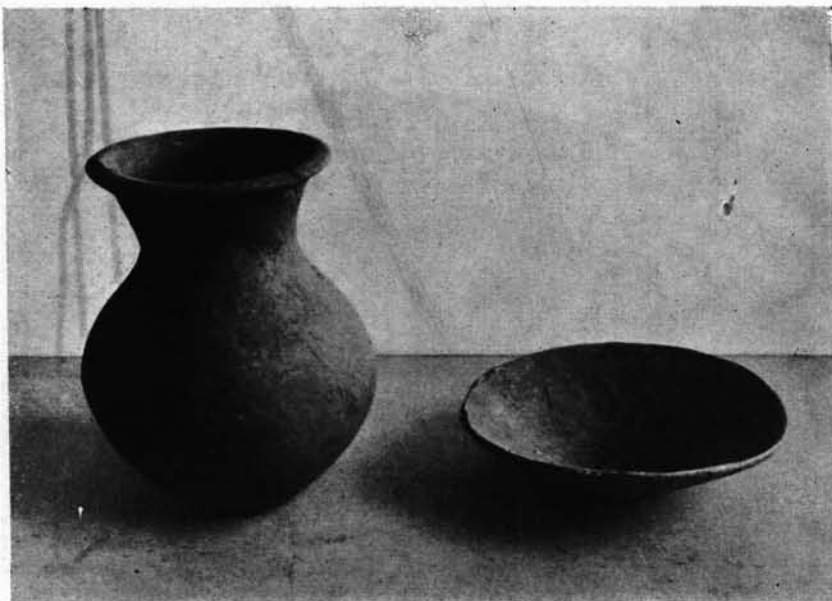


Fig. 13



Fig. 14



Fig. 15

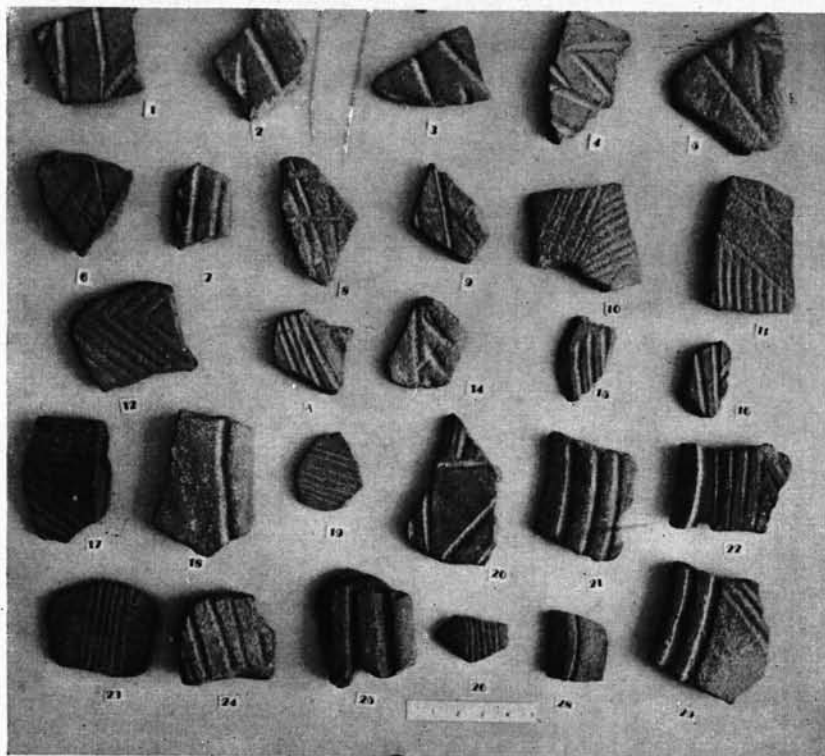


Fig. 16

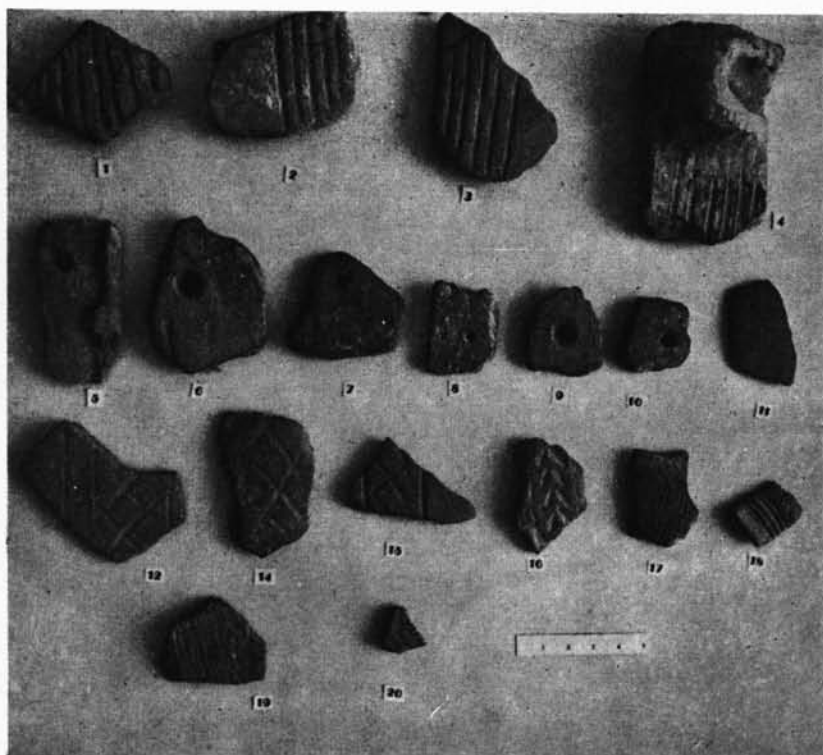


Fig. 17

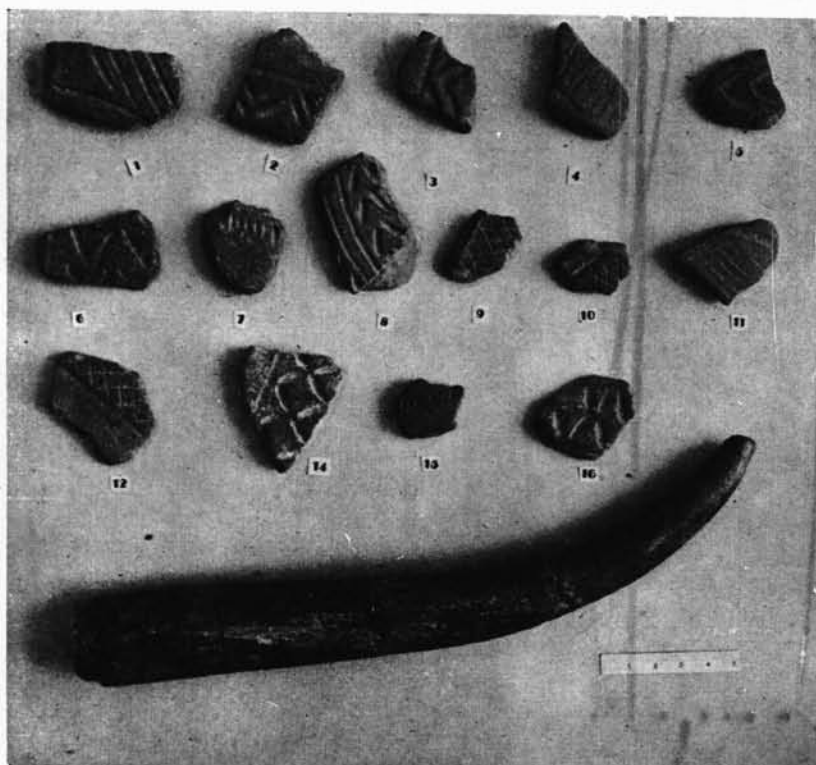


Fig. 18

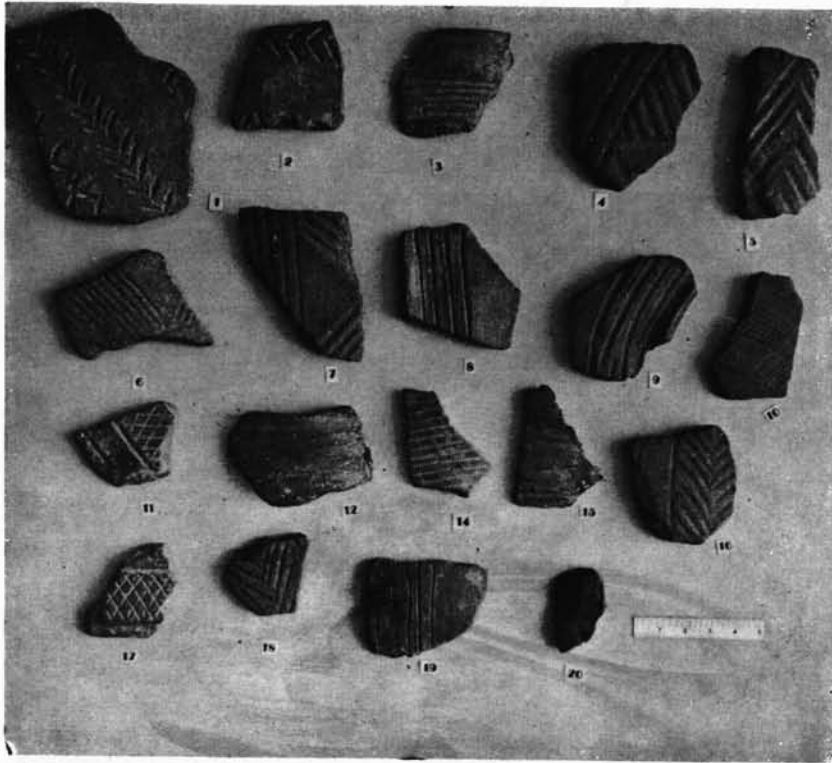


Fig. 19



Fig. 20

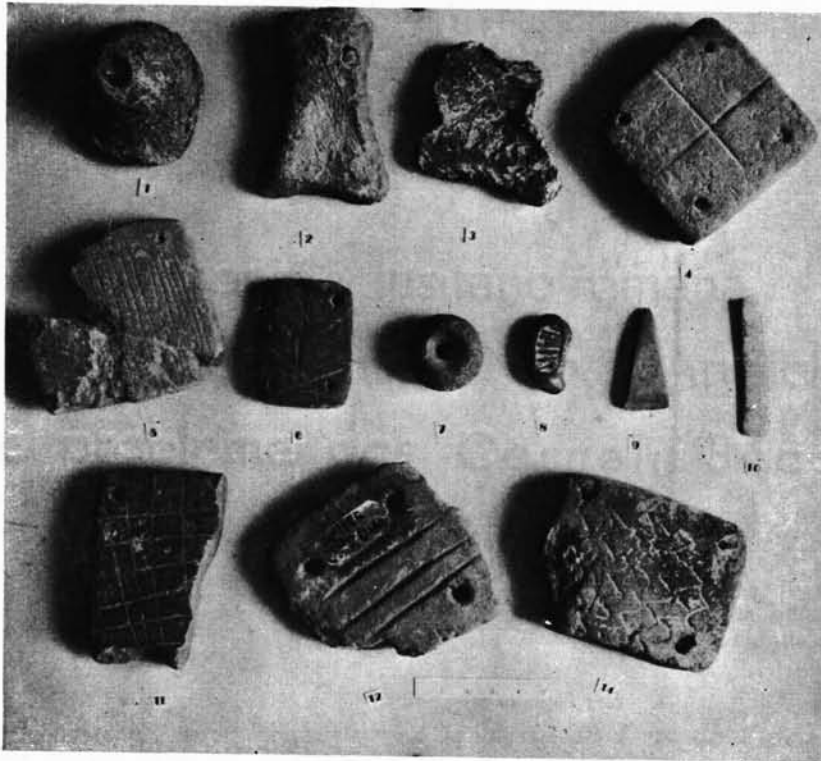


Fig. 21



Fig. 22